

Ameaçaram-no com a prisão. Ameaçaram matá-lo. Mas Pedro J. Ramírez, editor do *El Mundo*, continuou publicando a verdade.

# **PEDRO JOTA** **uma voz incômoda**

CHARLES PARMITER

«**P**EDRO J.: você está sentado?» Pedro J. Ramírez sentiu um arrepio ao ver a carta que lhe tinham deixado em cima da secretária na redação do jornal madrilenho *El Mundo* em setembro passado. «Seria melhor sentar antes de ler isto.»

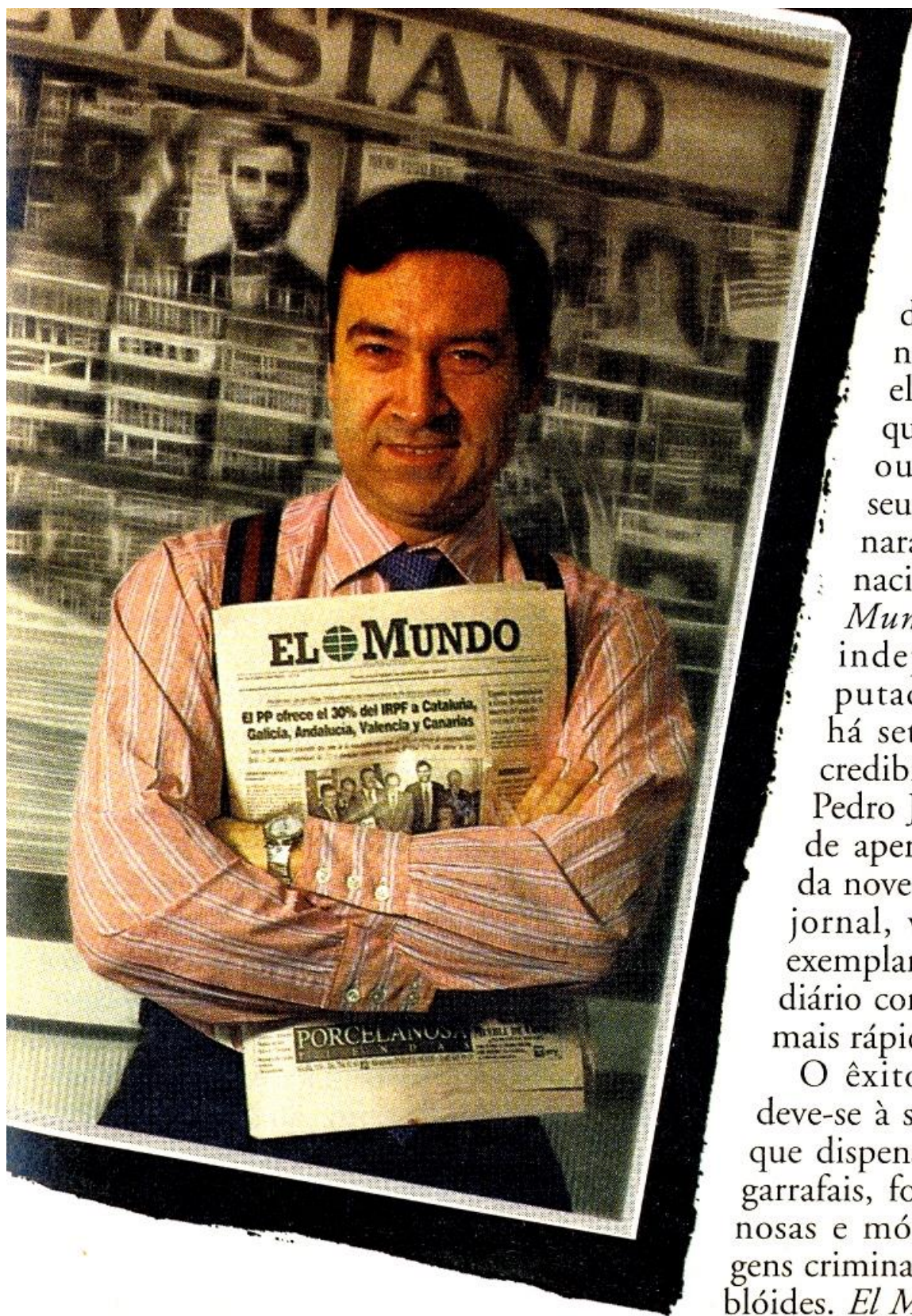
Ao passar os olhos pelo texto de cuidada caligrafia, ele percebeu que não se tratava de uma das habituais cartas de leitores. Era uma fria confissão de Juan Manuel Soares Gamboa, um dos mais conhecidos terroristas da Espanha, aguardando julgamento por 29 acusações, inclusive homicídio.

Dez anos antes, Ramírez fora editor de um dos principais diários da Espanha e Soares era do comando madrilenho da ETA, a organização separatista basca responsável pelo

assassinato de cerca de 800 cidadãos espanhóis. Num sábado de agosto de 1985, dizia Soares no texto, ele próprio e alguns camaradas do comando foram a um jogo de basquetebol num dos pavilhões esportivos de Madrid, jogo a que Ramírez iria também assistir. O plano deles era seguirem-no e depois colocarem uma bomba no carro do jornalista.

Ao ler a carta, Ramírez não conseguiu lembrar-se do motivo por que deixara de ir lá nesse preciso sábado, mas aquela decisão salvara sua vida. «Ande com cuidado, Pedro», dizia-lhe Soares na carta. «A ETA está executando velhos planos adiados. Mais do que nunca, vocês, jor-





nalistas, são o principal alvo. Não baixe a guarda.»

Sendo o mais corajoso dos jornalistas espanhóis, a lista dos que nutrem por Pedro J. Ramírez algum rancor é extensa. Isso porque, durante duas décadas, «Pedro J.» tem sido um pioneiro na imprensa livre

de seu país, denunciando com inabalável rigor os casos de corrupção e atos ilegais.

O programa de rádio, pela manhã cedo, de que ele participa tem quase 2 milhões de ouvintes. Sete de seus oito livros tornaram-se *best-sellers* nacionais. Mas é *El Mundo*, o tablóide independente e reputado que fundou há sete anos, que dá credibilidade à voz de Pedro J. Num país onde apenas uma em cada nove pessoas compra jornal, vende 300 000 exemplares por dia. É o diário com o crescimento mais rápido da Espanha.

O êxito de *El Mundo* deve-se à sua honestidade, que dispensa as manchetes garrafais, fotografias libidinosas e mórbidas reportagens criminais dos outros tablóides. *El Mundo* é um jornal sério, que não tem medo

de expor a corrupção dos poderosos e bem relacionados. E, sentado em sua sala no centro da redação do *El Mundo*, Ramírez cumpre suas funções, como se dirigir um jornal daqueles fosse desempenhar o papel para o qual ele tinha nascido.



ELE não se lembra de alguma vez não ter desejado ser jornalista. «Os outros garotos se imaginavam bombeiros ou jogadores de futebol», diz ele. «Eu sempre sonhei com trabalhar num jornal.» Depois de sair da Universidade de Navarra, ele foi para os Estados Unidos num programa de intercâmbio de estudantes em 1973. Quando lá chegou, no frescor de seus 21 anos e com «altos ideais sobre a liberdade de imprensa», encontrou um país preocupado com o escândalo de Watergate. Três dias por semana, dava aulas de literatura espanhola numa pequena universidade na Pensilvânia. À noite, assistia aos noticiários da televisão, fascinado com o desenrolar do escândalo. «Quando é que o governo vai meter todos esses jornalistas na cadeia?», interrogava-se. Era o que teria acontecido na Espanha, onde o ditador Francisco Franco se mantinha firme no poder e a democracia não passava de um sonho.

Antes de sair da Espanha, Ramírez combinara escrever uma série de artigos, «Gigantes da Imprensa Norte-americana», para uma revista espanhola. Visitando alguns dos maiores jornais americanos, conseguiu arrancar entrevistas com os editores-chefes — entre eles, Ben Bradlee, cujo jornal, o *Washington Post*, denunciara a história de Watergate.

Um telefonema com uma notícia sensacional pôs fim à entrevista com Bradlee. Um juiz federal decidira liberar importantes documentos citados referentes ao caso Watergate. Enchendo dois copos de Coca-Cola,

Bradlee levantou um rápido brinde à «liberdade de imprensa» e acompanhou até a porta o estupefato jovem espanhol.

Quando Ramírez viu a edição do dia seguinte do *Post*, percebeu que fizera o papel de testemunha acidental da história. As provas acabariam por levar à renúncia de Richard Nixon e a uma constatação do poder da imprensa que o jovem jornalista jamais esqueceria.

Em 1974, regressado a Espanha, ele se empregou no *ABC*, um diário madrilenho. Começando como repórter esportivo, passou depois para a seção estrangeira, tornando-se mais tarde colunista político. «Eu não me limitava a ficar sentado em minha mesa escrevendo sobre política, como faz a maioria dos colunistas», conta ele. «Ia para a rua, seguia pistas, aprofundava fontes, fazia a minha própria investigação.»

Uma de suas fontes habituais era um deputado parlamentar de Sevilha chamado Felipe González. Com acesso a informações internas como líder da oposição socialista, González forneceu a Pedro J. algumas dicas apetitosas. Ramírez e González tornaram-se amigos cautelosos.

Como nunca se sentira plenamente satisfeito dentro do direitismo do *ABC*, Ramírez ficou radiante quando o diretor do *Diario 16*, Juan Tomás de Salas, lhe ofereceu o lugar de editor-chefe desse diário liberal em junho de 1980. Ramírez encontrou lá uma equipe de repórteres empenhados, mas inexperientes. O dinheiro era pouco, e as condições de



trabalho, precárias, mas ele transformou o idealista e jovem quadro de pessoal do *Diario 16* numa turma de repórteres empreendedores.

Estavam preparados quando, numa fria tarde de 23 de fevereiro de 1981, um tenente-coronel da Guarda Civil fez marchar um destacamento de homens armados até o Parlamento como parte de uma tentativa gorada de derrubar a democracia espanhola.

Durante o subsequente julgamento em tribunal militar, a maior parte dos jornais espanhóis apoiou a aplicação de penas leves para os autores do golpe. O *Diario 16* não, e, na véspera do julgamento, publicou uma entrevista com um recruta que fora obrigado por um capitão, sob ameaça, a participar do assalto: «Se você não for, dou-lhe um tiro na cabeça.» Proibido de assistir ao julgamento, Ramírez recorreu da sentença. O *Diario* relatou deleitosamente todas as escaramuças da batalha jurídica que viria a ser ganha por Ramírez.

Nesse ponto, o *Diario* já se encontrava em melhor situação financeira. A circulação diária ultrapassava ligeiramente os 120 000 exemplares, bem acima do ponto crítico, e continuou a subir. Ramírez provou que o bom jornalismo também pode ser um bom negócio.

Enquanto isso, Felipe González colhera dividendos da desconfiança popular em relação aos militares e à direita política. Em outubro de 1982, os eleitores espanhóis escolheram os socialistas como novos guardiães da democracia nacional. Com

uma maioria absoluta no Parlamento, os socialistas eliminaram entraves e contrapesos existentes na constituição de 1978, encheram os tribunais com seus próprios nomeados e a burocracia com lacaios do partido. «Até decidiam quem é que ia participar de mesas-redondas na televisão», comenta Ramírez.

Os vizinhos europeus da Espanha regozijaram-se quando González libertou o país de 40 anos de isolamento e estagnação econômica, integrando-o na Comunidade Econômica Européia. Uma imprensa estrangeira bajuladora celebrizou González, promovendo-o como um «eurosocialista» e, mais tarde, como lógico sucessor do francês Jacques Delors na presidência da UE.

Mas dentro da própria Espanha, o quadro era muito mais negro. Com o enfraquecimento da economia e o país mergulhando em direção à recessão, os programas básicos socialistas foram reduzidos, foi posta de lado a estabilidade no trabalho e a taxa de desemprego subiu para 20%.

E onde estava a *imprensa espanhola*? «Nós nos convencêramos de que tínhamos os melhores socialistas do mundo, que os banqueiros e as grandes multinacionais gostavam deles, que era tudo ótimo», conta Victor de la Serna, então colunista de *El Mundo*: «Ninguém via o que se passava nos bastidores.»

Ninguém, com exceção de Pedro Jota.

Em setembro de 1987, um repórter de investigação do *Diario 16* descobriu elos entre a polícia espanho-



la e o Grupo Antiterrorista de Libertação (GAL), uma misteriosa organização mercenária responsável por brutais assassinatos de inocentes, bem como de radicais bascos e terroristas da ETA. O governo de González negou várias vezes qualquer envolvimento com o GAL, mas o *Diario 16* manteve sua posição.

Numa recepção no Parlamento, González levou Ramírez para um canto e começou a sussurrar-lhe ao ouvido. «Ele insistiu comigo que eu deixasse de publicar artigos sobre o GAL», conta Ramírez, «dizendo-me: 'Você está fazendo o jogo da ETA. Deixe que seja eu a conduzir a luta contra o terrorismo.'»

«Mas nosso dever é publicar a verdade», replicou Ramírez. «Defenderei esse princípio aconteça o que acontecer.»

Não tardou que as relações entre o diretor do *Diario 16*, Salas, e Ramírez começassem a azedar. Salas considerava embaraçosas as denúncias de escândalos que Pedro J. fazia.

Enquanto isso, as forças de González mobilizavam-se. «Você se julga muito importante por ser editor de um jornal», disse-lhe, desdenhosamente, um dos ministros. «Mas não há de ser sempre editor.»

Então, num cinzento dia de março de 1989, Salas chamou Ramírez a seu gabinete no sexto andar. «Não gosto do que você está fazendo com o jornal», disse para ele. «Vou dispensá-lo.»

**R**AMÍREZ, na época com quase 37 anos, sentou-se no escritório de seu

apartamento em Madrid e fez contas à vida. Suas perspectivas de trabalho eram parcas. Em sua análise, começou a ganhar forma uma idéia ambiciosa. Ele se deu conta de que havia uma grande oportunidade — e uma grande necessidade — de um jornal de fato independente.

Mas era preciso muito dinheiro para pô-la em prática. De carona na moto de um amigo, fez a ronda dos banqueiros e empresários madrilenhos. Alguns investidores escusaram-se, temendo a reação socialista, mas muitos outros deixaram-se cativar por sua visão e preferiram investir. Ramírez foi a Londres visitar Peter Preston, um amigo seu e então editor de *The Guardian*. Entrou em sua sala preparado, com todos os fatos e números num arquivo. Preston ficou tão impressionado com sua energia e sua capacidade de inspirar confiança que convenceu o conselho de direção de seu jornal a comprar 5% das ações do novo tablóide. A primeira emissão de ações de *El Mundo* — nome escolhido por Ramírez — esgotou-se rapidamente.

Para arranjar pessoal, o jornalista limitou-se a saquear o *Diario 16*. «Oferecíamos salários decentes e a possibilidade de os repórteres poderem trabalhar para si mesmos, recebendo ações da companhia», explica Ramírez. Hoje, um quarto das ações do jornal pertence aos empregados, e 3,5%, ao próprio Ramírez. «Mas, acima de tudo, oferecemos-lhes a oportunidade de realizarem o sonho de todo o jornalista. No *Diario 16* fazíamos o jornal que o diretor nos



autorizava a fazer. Aqui iríamos fazer o jornal que *nós* queríamos.

A primeira edição foi para as bancas a 23 de outubro de 1989. Decorridos apenas três meses, em matéria exclusiva de primeira página, *El Mundo* noticiava que um executivo de González desviara, discretamente, fundos para uma companhia pertencente ao irmão do vice-presidente espanhol. Furioso, González denunciou o artigo e deu ordens à procuradoria-geral para agir.

Para Ramírez foi uma publicidade sem preço. «Que maravilha!», recorda ele afetuosamente. «Nós, um jornal novíssimo, já com toda a máquina do estado espanhol contra nós.» Pouco depois, um juiz madrileno decidiu não existir qualquer fundamento para uma ação criminal e não aceitou a queixa do governo. Mas nessa altura os espanhóis já sabiam que o novo diário não se deixava intimidar.

No início de 1991, um contador indignado enviou a *El Mundo* uma série de documentos comprovando detalhadamente uma razia feita pelo Partido Socialista em bancos e grandes empresas espanholas. Após várias semanas de cuidadosa investigação, *El Mundo* noticiou que a Filesa, uma *holding* criada para financiar a campanha eleitoral de 1989 dos socialistas, se comprometera a fornecer «relatórios financeiros» a empresas lucrativas que negociassem com o governo. Constava que as empresas teriam pago até 1 bilhão de pesetas por tais relatórios. O problema, segundo *El Mundo*, é que esses rela-

tórios não existiam. Em dezembro passado, após uma investigação de quatro anos, sete pessoas — inclusive um senador — foram acusadas de atos criminosos que poderão levá-las à cadeia.

Quanto mais os repórteres de *El Mundo* escavavam, mais lixo descobriam. Um ex-ministro do Interior terá, segundo se diz, desviado fundos destinados ao combate ao terrorismo para comprar jóias caras para as mulheres de associados dele. O diretor socialista do *Boletim Oficial do Estado* criou sua coleção de arte particular comprando quadros em nome da rainha e da mulher do presidente. E houve o caso do socialista de Sevilha que, como noticiou *El Mundo*, vendeu uma metalurgia falida por 310 milhões de pesetas a uma empresa que depois veio a ganhar contratos rentáveis com o governo. O empresário em questão era, por sinal, o cunhado de Felipe González. Tudo isso foi desmascarado por *El Mundo*.

O ás da corrupção era o protegido de González, Luis Roldán, filho de um motorista de táxi que falsificou diplomas universitários para ir subindo nas fileiras do Partido Socialista até se tornar o primeiro diretor não militar da Guarda Civil da Espanha. É acusado de ter desviado, nos seus oito anos no cargo, mais de 1 bilhão de pesetas das reservas governamentais, recebendo subornos em contratos de construção e lavagem de dinheiro.

Depois de Roldán fugir da Espanha no início de 1994, o governo



enviou centenas de agentes secretos à sua procura, mas seriam dois engenhosos repórteres de *El Mundo* quem, através de um contato secreto, viria a descobri-lo num hotel em Paris, convencendo-o a dar uma entrevista exclusiva dez meses antes de a polícia espanhola finalmente capturá-lo. Encontra-se preso, aguardando julgamento.

Nessa altura, a corrupção já desgastara seriamente o apoio popular aos socialistas. Em 1993, o partido perdeu a maioria absoluta que detivera por 11 anos. Foi então que, no ano passado, a frágil coligação de Felipe González foi abalada por mais um furo bombástico de *El Mundo*: durante dez anos, os serviços secretos espanhóis tinham gravado as conversas telefônicas de diversos políticos, empresários, jornalistas, do rei Juan Carlos e até do próprio Ramírez.

Quando os espanhóis foram às urnas em março último, o país estava farto de corrupção, desemprego e desonestidade. Após 14 anos de poder, os socialistas de Felipe González foram derrotados. O novo presidente, José María Aznar, é amigo de Ramírez, tal como Felipe no passado.

**M**AS sua crescente notoriedade não alterou os rígidos hábitos de trabalho do editor. Um dia típico na vida agitada de Pedro J. começa às

7.15 com um copo de suco de laranja no apartamento de dez cômodos que divide com a estilista Agatha Ruiz de la Prada. Lá embaixo, na rua ladeada de árvores, o motorista e um guarda-costas o aguardam para levarem-no a seu *talkshow*. Às 10 horas, ele já se encontra em seu gabinete em *El Mundo* para a reunião com os editores da primeira página. Ramírez faz pessoalmente a edição dessa página, revendo também todos os artigos importantes. Pronto nas críticas a seus empregados, ele chega a interromper conversas para, rodando nos calcanhares, se retirar. «É um homem com muita garra», comenta um colega. Mas ninguém contesta sua dedicação a *El Mundo*.

O dia de trabalho não acaba quando Ramírez deixa sua sala. Como seu computador de casa está ligado ao processador central do jornal, por vezes, quando chegam à redação, os subeditores já encontram editoriais reescritos enquanto eles estiveram dormindo. Por volta da meia-noite, um contínuo lhe traz os matutinos madrilenhos concorrentes. Por telefone, Ramírez discute-os com seus editores e ordena quaisquer alterações necessárias nas edições vespertinas de seu próprio jornal. Por fim, Pedro J. vai para a cama, ainda sonhando com formas de vencer a concorrência.

FOTO: © DE DANIEL BELTRA/GAMMA LIAISON

---

UM BOM arquiteto pode melhorar o aspecto de uma casa velha simplesmente falando no preço de uma nova.

*Bits & Pieces*